



**ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS  
E DEFESA DO PATRIMÓNIO  
HISTÓRICO-CULTURAL DE SILVES**

# **II JORNADAS DE SILVES**

**24, 25 e 26 de Setembro de 1993**

## **ACTAS**



Dr. José Carlos Vilhena Mesquita

Em primeiro lugar gostaria de agradecer o convite que a Organização me fez para estar presente na cidade de Silves que, para mim, tem um significado especial, um carinho e um afecto muito grandes, visto que fui professor nesta cidade há provavelmente 13 anos, ou talvez mais, e, nessa altura, gostei não só da camaradagem, como inclusivamente do esforço e da aplicação dos alunos, o que nunca mais encontrei enquanto professor do ensino secundário noutras cidades do Algarve. Por isso Silves tem para mim esse afecto, esse carinho muito especial, deixei aqui muitas amizades, e, por outro lado, esta cidade, com um património tão lindo, com umas características tão especiais, tem também para mim um grande valor afectivo.

O título que dei a esta comunicação talvez provoque alguma perturbação, pelo menos a mim provocou, visto que pretendia falar de Silves e pretendia distinguir Silves no processo histórico do liberalismo no Algarve e, francamente, concluí que não conseguia.

É importante referir, em primeiro lugar, que existem no Algarve dois sectores geomorfológicos e geográficos perfeitamente distintos: um é a faixa Litoral e outro é a Serra. Aquilo a que nós chamamos depois o Barrocal tenho muitas dificuldades em defini-lo do ponto de vista sócio-económico e prefiro desconhecer a sua existência, e definir bem o Litoral e a Serra. As pessoas que se repartem nestas duas zonas são completamente diferentes.

A economia do litoral é uma economia mercantil, baseada sobretudo na pesca e no comércio. O interior serrenho, a parte mais alta do Algarve, subsiste de uma agricultura de sequeiro, produzindo cereais e frutos secos, e penso que a sua principal riqueza estará no escoamento dos sobros e sobretudo da cortiça alentejana.

Portanto considero que existem duas mentalidades, uma muito mais "progressista", digamos assim, ligada ao litoral, muito mais aberta à troca de culturas e de experiências, sobretudo com visitas quer do Norte de África, quer da Europa, ou até mesmo do Mediterrâneo. É, por conseguinte, uma mentalidade muito mais aberta, com um mercado muito mais diversificado, baseado aqui não só nos cereais, mas sobretudo nos produtos hortícolas, etc., para além de ser um mercado por eleição de escoamento da produção da zona alta, daquilo a que chamo, grosso modo, a Serra.

Há uma mentalidade mais favorável a novos ventos que sopram do Norte ou da Europa Central, que serão sobretudo ventos de renovação, mais de reformismo do que propriamente de revolução. No entanto é bom que tenhamos consciência de que o liberalismo não é de forma alguma a Revolução Francesa que vem por aí abaixo, mas é sobretudo uma necessidade de uma onda de reformas, revitalizantes, o que quer dizer que só se reforma quando, de facto, as coisas estão a enterrar, quando as coisas estão a impedir o avanço do progresso.

Por conseguinte, há na realidade uma tentativa de reformismo, vinda da Europa, que nós conhecemos já da época pombalina, mas, sem dúvida alguma, este reformismo é mais receptivo numa mentalidade baseada nas trocas, numa mentalidade onde o risco impera, do que propriamente numa mentalidade mais conservadora, baseada na sacralidade, na herança da terra.

As pessoas que se integram nesta mentalidade mercantil, são pessoas que não pertencem a uma fidalguia provinciana, que não pertencem, de facto, a uma estrutura de poder que se baseia nessa herança e no nascimento. Ora este grupo muito vasto, possidente, é um grupo que na

realidade tem poder, poder financeiro, poder económico, mas não tem o poder político.

E reparem que esta noção de equilíbrio destes triângulos de poder é uma noção muito vasta e muito complicada. Na realidade, esta faixa que eu caracterizaria por uma burguesia comercial, uma burguesia instruída, com apetências políticas, esbarrava sempre com uma maioria conservadora, dependente da terra, ou detentora da terra, um grupo muito numeroso, afecto a um status quo de permanência, de conservação, de não querer alterar as coisas: "Sabemos nós o que virá por aí adiante? Será concerteza algo mais drástico, mais radical e que nos retirará do caminho do céu".

Há de facto aqui uma luta de mentalidades, não tanto, como diria o Almada, entre novos e velhos, mas entre tempos novos e tempos velhos, entre o futuro e o risco, a necessidade, de criar um futuro, e a permanência, o ficar no sítio em que estamos, que é o único que se conhece, mas é de certeza aquele que não nos leva à aproximação da Europa. Refiro aqui uma Europa afrancesada, que nos exporta a revolução, presente, como sabem, durante o domínio francês, mas igualmente uma Europa liberal, inglesada, também presente em Portugal, e, de facto, o grande momento de emergência de novas mentalidades, de necessidade de renovação, de reformas, é sobretudo no período difícil da ocupação francesa em Portugal, que não é só francesa, é também inglesa. Não nos esqueçamos que a nossa velha aliança do Tratado de Windsor se mantém de pé ainda hoje, é talvez o mais antigo Tratado da Europa, e este auxílio inglês a Portugal traz oficiais, gente instruída, bem preparada intelectualmente e gente, sem dúvida alguma, ligada a uma maçonaria do exército. E o mesmo se passa com a situação francesa.

As lojas maçónicas que se fixaram em Portugal, quer francesas, do ritual francês, quer do ritual escocês, inglês, até há mesmo rituais americanos nesta altura, sem dúvida alguma vão preparar uma associação de ideias e "infectar" a sociedade mais conservadora da necessidade de aproximação aos regimes do centro europeu.

Penso que esta grande influência é notória no Algarve. A loja Filantropia Oriente, que se situa em Lagos, é uma loja maçónica que tem 30 membros, e são todos da alta burguesia e dos quadros superiores do exército. É esta a mentalidade que nos fica, é a mentalidade que se opõe ao grupo mais conservador do Algarve.

Os períodos de regeneração, em que é necessário proceder à regeneração, são vários. Normalmente nós definimos o período da Regeneração a partir de 1850, mas isso não é verdade, há pelo menos quatro períodos regenerativos até 1850. Esta palavra não era nova, era mais aplicada do que revolução. Foi Saldanha que, a partir de 1850, quando dá o golpe, lhe pôs o nome de Regeneração. De qualquer forma, há vários períodos regenerativos exactamente pela influência da maçonaria, das lojas maçónicas, às quais pertencem os principais quadros da burguesia e do exército.

Ora a eles se contrapõem a Igreja e uma fidalguia territorial, uma fidalguia antiga e conservadora que nas terras pretende manter o seu "status", a sua força e os seus poderes.

O primeiro período da regeneração situa-se entre 1820 e 1823, período a que chamo das formações das grandes lojas maçónicas, mas cá no Algarve elas já existem desde 1816.

Infelizmente, em Silves, só as encontro com a República. Silves tem lojas maçónicas que preparam a República e se mantêm até à guerra, mas não as encontro no séc. XIX. Encontro-as, sim, em Lagos e Faro.

Penso que esta é uma das linhas de investigação que está hoje a preparar-se. Na Europa (na França e na Inglaterra) concluíram definitivamente que o liberalismo é imposto e preparado pela maçonaria. Não há dúvidas quanto a isto. Em Portugal estamos neste momento a seguir



uma linha de investigação que nos leva também ao mesmo caminho, visto que as principais figuras que estão à frente dos períodos de revolução, os períodos de regeneração, quer armados, quer intelectuais, pertencem à maçonaria. Há uma preparação intelectual através dos órgãos de comunicação, através de publicações, de pasquins, etc., que prepara, de facto, a revolta armada, que está, no fundo, "infectada" por elementos da maçonaria.

Portanto, entre 20 - 23, é o primeiro período, a que chamamos o vintismo e o Algarve apoia este período, inclusivamente há famílias aqui, os Cabreiras de Faro, por ex., que são uma família vasta e numerosa, que tem miguelistas e tem liberais, e que estão com a revolução de 1820.

No fundo o que se pede é que o país deixe de ser orfão, que o rei volte. E este apelo que o rei volte, esta modinha que o rei chegou, repete-se de 20 até 26 e depois repete-se outra vez de 26 até, sensivelmente, 28, quando voltamos a ter o rei. O país estava carente de ter uma coroa, de ter uma cabeça coroada, e, por conseguinte, o Algarve apoia efectivamente neste primeiro período.

E não há aqui, inclusivamente, no período de 20 a 23 a contestação que está na Abrilada, na Vilafrancada, em 23 com Sebastião Cabreira, que está também na Abrilada em 24.

No Algarve, as chefias militares parecem cansadas de uma certa anarquia, há algumas chefias dos quarteis e das ordenanças que temem alguma perda de poder e pretendem escapar a esse período extremamente revolucionário, quase republicano, que é o vintismo, procuram uma ordem mais estável, menos revolucionária.

Este período é um período em que se propõem grande reformas. Penso que é um dos períodos menos conhecido ou mais mal estudado no nosso país, precisamente entre 23 e 26, que é a época de D. João VI. Creio que está hoje definitivamente provado que D. João VI é de facto envenenado. Ele tem na forja individualidades, constitucionalistas, a trabalhar numa nova constituição. Era uma constituição nova para ser doada, um texto constitucional com alguma preparação por detrás. D. João VI tinha um grupo a trabalhar num texto desse tipo, em segredo. Encontro indivíduos do interior, nomeadamente um grande magistrado da Covilhã, a trabalhar nesse texto, e, portanto, há já uma tentativa de oferecer uma constituição e não deixar que seja um poder representativo, como a Assembleia Constituinte, a fazer um texto tão apertado, tão radical, como foi a de 22.

Portanto, após a morte de D. João VI, temos um segundo período, que eu chamo regenerativo. O país procura encontrar o caminho do entendimento através do rei, de uma coroa dualista, pela primeira vez, que seria com D. Pedro IV. O povo aceita-o, é cunhada moeda, são alterados diplomas, por conseguinte D. Pedro IV é inteiramente rei de Portugal.

O que se pensou com esse facto é que talvez o Brasil regressasse outra vez. O que era impossível, nós já tínhamos reconhecido a sua independência, os Estados Unidos também. Vimos realmente que já não havia hipótese de conseguirmos retornar essa colónia ao poder real, uma vez que D. Pedro IV, e inclusive o nosso D. João VI, já era imperador do Brasil.

Por conseguinte, D. Pedro IV seria rei com todo o seu inteiro direito, e abdica de uma coroa hipoteticamente dualista para a sua filha D. Maria da Glória, que poderia ser perfeitamente portuguesa, e não ao filho. Temos aqui, outra vez, um período de orfandade, o país precisa do seu rei e quem volta, por culpa de D. Pedro IV, é D. Miguel. Isto é uma questão que não vale a pena aqui demonstrar, mas o casamento do tio com a sobrinha era de facto uma entrega de poder, outra vez, aos miguelistas, aos conservadores.

Foi um erro estratégico contra o qual se subleva o Algarve. Há uma característica muito curiosa do Algarve que é o apoio constante, permanente, ao Porto, até 1850. A partir daí, felizmente, não há mais períodos de revolução, de "anarquismo", mas até 1850 o Algarve apoia sempre o Porto e as suas posições.

Eu digo o Algarve, porque de facto são as cabeças pensantes mais famosas que apoiam o Porto, mas a maioria não apoia, logicamente. A maioria apoia sempre o Governo, apoia sempre o miguelismo, apoia, de facto, o grupo político mais conservador; a maioria da população, que não era instruída, apoia sempre o partido mais conservador. É natural que isso aconteça. Agora as figuras mais notórias, as figuras que do ponto de vista económico e financeiro são mais distintas, apoiam o Porto, porque lhe garante a manutenção, ou pelo menos o progresso do aumento dos seus negócios no comércio internacional. Estas principais figuras estão do lado do partido liberal.

O Algarve em si é muito castiço, muito conservador. Os algarvios, em geral, e sobretudo as gentes da serra, porque dependem desde longa data de contratos com os senhores da terra, logicamente são mais conservadores.

E Silves está deste lado. As principais famílias são conservadoras, nomeadamente os Mascarenhas Neto; o José Diogo, que foi um homem famosíssimo, marcou presença em Paris, publicou os Anais das Artes e das Ciências, uma colecção fabulosa, e é, digamos, o primeiro jornal científico que se publica no estrangeiro e que vem para Portugal e é dirigido por um silvense; os Teles Moniz Corte Real que fazem a ligação ao litoral aos Cortes Reais; os Mascarenhas Grade; e também as autoridades presentes, sobretudo José João Magalhães Pinto, que é um juiz de fora extremamente conservador, é um homem condecorado com a effigie de D. Miguel, tal como o tinha sido o Gregório Teles Moniz Corte Real, que tentam controlar a cidade.

Não encontro da parte dos silvenses uma tentativa revolucionária, vejo, de facto que, durante a Patuleia, entre 46 e 47, os silvenses apoiam a Junta Governativa de Faro e naturalmente a Junta Governativa do Porto e estão, nesta altura, muito interessados em acabar definitivamente com os resquícios miguelistas que se mantinham. Eles guardavam ódio, um ódio que vinha desde as perseguições do Remexido. Só aqui é que vejo o povo na rua, em Silves, quer em 46, quer depois definitivamente em 47, fazendo eleições, que eu diria quase democráticas, quase revolucionárias, impondo novas autoridades, dizendo às autoridades anteriores que o povo já as não queria, e que o melhor era pura e simplesmente desaparecerem da cidade, e só aqui é que vejo, de facto, algum movimento.

Antes não encontro nada em Silves que me possa definir esses períodos mais agitados. De qualquer modo é lógico haver explicações para isso. A principal parece-me ser a dificuldade de acesso à cidade de Silves. Silves só tem uma estrada rápida e segura, que é a via fluvial, embora, naturalmente, existam alguns outros caminhos. Mas obviamente, desde o assoreamento do rio por volta do séc. XV que é impossível confiar mais nesta estrada que podia dar um acesso acima da ponte, e não dá, está sempre dependente das horas da maré, e as dificuldades são enormes.

Silves é uma cidade de largas tradições, de nome, de prestígio, que perdeu, que ficou numa certa obscuridade. Engana muito a estatística demográfica. É um concelho de terceira grandeza, o terceiro do Algarve, com seis freguesias, tem uma população que só decresce a um momento, que é sensivelmente entre 26 e 28, há um decréscimo lento mas há um decréscimo, mas depois volta a notar-se um crescimento da população. Messines é a única que cresce sem dificuldades. Poderia pois parecer que esta evolução resultasse num crescimento económico, o que não é verdade.

Nota-se, de facto, existirem grandes produções cerealíferas, principalmente de trigo - também aqui é um concelho que está em quinto lugar no que refere as grandes produções, e não esqueçamos que existem quinze - mas há sempre a dificuldade de escoamento das suas produções por falta de



uma via de acesso terrestre. A única era a fluvial, mas o assoreamento do rio é um impedimento.

A nível dos revolucionários silveses, devo dizer que analisei as devassas que se fizeram. Há uma que se faz aqui em Silves e nessa devassa pronunciaram-se seis pessoas, quatro são de facto acusadas e há provas disso, mas o mais curioso é que os mais penalizados foram dois pedreiros. Aqui interroguei-me: mas então estes pedreiros eram mesmo pedreiros, que trabalhavam em pedra, não eram pedreiros-livres, como é que se passa isto, esta gente está a trabalhar com alguém, ou em casa de alguém que conversou com eles, ou que lhes transmitiu algumas ideias que eles devem ter veiculado, porque veicularam publicamente nas tabernas. Foram pronunciados e acusados. Ora em Silves não há também uma preparação quer mental, quer intelectual, para abraçar o liberalismo.

É preciso notar que o liberalismo só é receptivo às classes mais instruídas, às pessoas mais preparadas para concordar com um período de risco grave, de grande renovação. Os poderes são retirados, há três poderes, o rei é quase decorativo, haverá um Parlamento, haverá uma Constituição, tudo isto é novo, tudo isto é assustador.

A minha dificuldade estava em perceber qual era o papel de Silves no meio de todo o processo histórico do liberalismo. Infelizmente parece ser um papel esbatido, apagado, sem grande furor, sem força, mas apesar de tudo está presente nas Cortes que elegem D. Miguel, no segundo banco, pelo Magalhães Pinto, pelo Corte Real, são recebidos pelo rei, há o beija-mão, são figuras da alta nobreza, provincial logicamente, mas mais nada.

O que distingue Silves em todo este processo é a época das guerrilhas e do bandoleirismo, é o período áureo de Silves no contexto histórico do liberalismo. Mas reparem que, apesar de tudo, Silves, aqui, é uma terra mártir, porque é constantemente atacada, as suas freguesias permanentemente devassadas pelas guerrilhas, há fuzilamentos em Silves, há um rapaz de 16 anos ingloriamente fuzilado e certamente inocente.

É um processo muito interessante este assunto das guerrilhas, visto que também as tropas do Governo cometeram atrocidades. Normalmente só falamos que o Remexido era um assassino, um sanguinário, e outras coisas, e esquecemos o outro lado, que também fazia fuzilamentos em massa, portanto não pensem que as tropas do Governo também não cometiam atrocidades. Silves foi atacada, foi cercada, há casos em Alcantarilha, Pêra, etc.. As únicas terras que se mantêm fora do controle do Remexido são Faro, Lagos e Olhão. Tavira deixa entrar, porque Tavira tem também uma nobreza provincial que recebe, embora clandestinamente, a presença dos guerrilheiros.

Este é o período mais interessante e é o período de que menos gosto de falar, sobretudo em relação ao Remexido, porque é um guerrilheiro, uma figura popular, um herói popular, um Robin Hood, e é difícil tomarmos uma posição absolutamente objectiva e imparcial.

O que posso dizer é que se cometeram erros entre ambas as partes, penso que os primeiros erros partiram do lado do Governo e obrigaram o Remexido a tornar-se um bandoleiro e depois um guerrilheiro. Ele é de facto "obrigado" a permanecer nestas circunstâncias como acto de vingança, era comum, e por outro lado, era a única forma de as hostes miguelistas tentarem uma aproximação militar à ocupação do Algarve.

Não esqueçamos que o Algarve é uma porta aberta, sobretudo o litoral, e recebe de braços abertos as tropas do Duque da Terceira. O Algarve estava cansado da ditadura do regime miguelista, demasiado arbitrária para as suas próprias preparações intelectuais e aceita de bom grado a presença das tropas liberais. Só assim se compreende que apenas cerca de 2.500 homens, dos quais 1.700 / 1.800 pegariam em armas com alguma valentia, contra cerca de 5.000 que seriam as tropas de Molelos.

Molelos recua, vai fugindo constantemente, até que deixa a porta aberta para Lisboa, recuando para Beja. Não há outra explicação senão mesmo esta facilidade que o Algarve deu às tropas liberais para a ocupação e a pouca confiança que Molelos teria nos seus próprios quadros para defender o Algarve e no seu próprio exército. Claro que isto é um assunto bastante polémico, fala-se muito em traições e outras coisas, mas isso é mais literário que propriamente científico. De qualquer modo, penso que, apesar das estratégias que se utilizaram para atrair Molelos para Beja, isso é verdade e não discuto, penso que Molelos não tinha confiança nos seus oficiais para encarar um batalha em campo aberto. Tentou no Almagem e foi rechaçado, e reparem que os liberais nem sequer conheciam o terreno, nem sabiam como se defender numa ponte, como é que poderiam vencer a passagem do Almagem. Abandonaram pura e simplesmente.

Em Messines limitam-se também a abandonar algumas peças, destruir farinha; pouco aqui se faz que nos dê garantias que de facto Molelos pretenderia bater-se em campo aberto com as tropas liberais.

A fase decisiva é, de facto, a batalha do Cabo de S. Vicente em que as tropas miguelistas perdem a sua frota e o domínio dos mares que estaria, pela primeira vez, nas mãos das tropas liberais. O harmónio iria fechar-se, o Porto nunca foi batido, apesar de nunca conseguir sair da sua cintura defensiva, o Algarve estava libertado, agora era uma questão de mais cedo ou mais tarde fechar o harmónio, por conseguinte aproximarmo-nos da capital. Foi facilímo, demais até, não se percebe como é que as tropas do Governo não estão dispostas a bater-se, tão facilmente. Penso que este período é dos mais interessantes da história portuguesa, talvez por ser tão conturbado, tão complicado do ponto de vista militar, e no entanto poucos estudam este período. É esse período que procuro conhecer para o Algarve. É relativamente fácil, embora trabalhoso, conhecê-lo para as Beiras, para a zona de Trás-os-Montes, sobretudo esta que está muito bem tratada, há muita documentação, esbarro com ela constantemente, mas, como é lógico, vou fazendo uma depuração, pois só me interessa o que diz respeito ao Algarve.

Mas no Algarve tudo é muito apagado, muito pacífico, pretende-se que é desnecessário derramar sangue, procura-se ser comedido. A gente do Algarve é uma gente à parte, é bom que se tenha isto em consideração, são pessoas mais calmas, mais serenas, mais ordeiras e evitam que se derrame sangue, procuram negociar, tentar entendimentos. De facto penso que a mentalidade algarvia é muito diferente da do resto do país.

Por isso me estranha muito o período de bandoleirismo das guerrilhas. Veja-se que no único período de alguma violência, em 28, em que há uma revolução que se estende por todo o litoral, morrem duas pessoas. Mas no período das guerrilhas há sangue, muito sangue inocente, e é difícil explicar tanto ódio, tanta perseguição.

Há uma Patuleia sanguinária, mas não no Algarve, há uma luta fratricida durante 6 meses em Portugal, em que morre muita gente, mas no Algarve não. O Algarve estava como que imunizado. Mas o período das guerrilhas entre 34 e 38, sobretudo 36, 38, é dramático. As guerrilhas duram até 40, muito depois do Remexido ser fuzilado. Só se pode tentar demonstrar o porquê desta situação pela análise das tropas do Remexido, que não são realmente um exército, mas como que uma manta de retalhos, uma mistura de homens sobre os quais o Remexido não devia ter mesmo controlo absoluto.

Por outro lado, ele também não mandava em todo o Algarve. O Algarve estava dividido entre oriente e ocidente, e ele só comandava as tropas do ocidente. Só nesta zona é que ele tinha poderes absolutos de comando militar, e mesmo assim o controle era difícil, tamanha era a diferenciação dos seus homens e a vontade de saque. Há aqui mais bandoleirismo do que guerrilha.

Insiste-se muito hoje, na guerrilha do Remexido, mas penso que, afinal, esta guerrilha seria curta e restrita a quando estava presente o Remexido. Quando ele não estivesse, era bandoleirismo absoluto, saque, roubo, e foram cometidas várias atrocidades até só para roubar.

No caso de Silves, volto a dizer que, infelizmente, Silves estava um pouco retirado para o interior, está apagado, só lhe cabe o papel dos bandoleiros, o que é natural acontecer na serra. Alcoutim tem uma guerrilha fabulosa da parte dos liberais, por intermédio de um padre, extremamente sanguinário, que chega a ir até à capital e acaba por ser apanhado lá, é um bandoleiro terrível.

Portanto só nas zonas de Aljezur, Silves, Alcoutim e Cachopo é que há guerrilhas, primeiro liberais e depois miguelistas. Os serrenhos parecem-me mais ou menos preparados para este tipo de guerra, posteriormente mais de saque do que resultando de uma certa preparação, de uma certa dedicação política.

Silves está retirada no meio de toda a serra, é a cidade com mais distinção, é olhada com admiração, até porque não se esquece nunca que foi a capital eclesiástica do Algarve, tem uma velha Sé, etc.. A cidade está muito decadente, mas as freguesias estão em progresso, sobretudo Alcantarilha, Messines, e até Pêra. Pêra é um grande reduto miguelista. E menciono, só por curiosidade, que D. Miguel atribuiu a medalha com a sua real efígie a todos os habitantes de Pêra, toda a gente que ali vivesse tinha o direito de usar a condecoração de D. Miguel. Mas em relação a Silves, penso que, de facto, está marginalizada, esquecida, decadente e isso deve-se sobretudo à grande dificuldade de acesso.

E concluo, repetindo, pois é necessário que tenhamos sempre em mente que não existe um Algarve, mas dois, há um litoral e um serrenho, ou de interior, este muito conservador e o do litoral muito mais afecto a ideias de renovação vindas do centro da Europa.

Muito obrigado pela vossa atenção.

\* Texto elaborado a partir da comunicação oral.